

Política de Preservação no âmbito do gerenciamento de Coleções Especiais: um estudo de caso no Museu de Astronomia e Ciências Afins

Lucia Alves da Silva Lino

Bibliotecária, especialista em Documentação Científica
com foco em Sistemas de C&T.
Chefe do Serviço de Biblioteca e Informação
Científica do MAST.
lucia@mast.br

Ozana Hannesch

Arquivista, conservadora-restauradora
Especialista em Conservação de Bens Culturais Móveis
com aperfeiçoamento em suporte de papel.
Responsável pelo Laboratório de Conservação-
Restauração de Papel – LAPEL.
ozana@mast.br

Fabiano Cataldo de Azevedo

Graduando do 6º período do Curso de Biblioteconomia da
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UniRio.
Bolsista PCI-CNPQ do Museu de Astronomia e Ciências
Afins- MAST.
fabiano@mast.br

RESUMO

Apresenta um projeto desenvolvido pelas equipes da Biblioteca e do Laboratório de Conservação-Restauração de Papel do Museu de Astronomia e Ciências Afins (MAST), com o objetivo de estabelecer uma Política de Preservação para Coleções Especiais. Descreve como essa interação, aliada a auto-instrução por meio da literatura especializada, facilitou as avaliações feitas pela biblioteca. Propõe o planejamento de preservação no âmbito do gerenciamento biblioteconômico. Relata igualmente alguns resultados já alcançados no tratamento dessas coleções, ao longo de mais de dez anos, e as ações que estão em andamento. Reflete acerca da importância do bibliotecário curador de Coleções Especiais em adquirir o conhecimento técnico referente à área de preservação, de modo a propiciar meios para gerenciamento do acervo sob sua custódia.

Palavras-chave: Coleções Especiais. Política de Preservação. Conservação-Restauração. Biblioteconomia.

1. INTRODUÇÃO

[...] um bibliotecário é um bibliotecário. [...] um bibliotecário não é um técnico de administração, como também não é um conservador-restaurador [...]. O que hoje se exige de um bibliotecário excede largamente o conjunto de funções para que ele (a) se preparou¹.

Um dos grandes problemas enfrentados pelas bibliotecas atualmente é o fato de que suas coleções estão num *crescendo* de deterioração. O acervo bibliográfico sob a guarda de nossas bibliotecas é matéria orgânica e, como tal, tem um tempo de vida. Diante desse fato, uma outra questão se apresenta, tão clamorosa quanto a primeira: o binômio preservação - acesso. Concordamos com Smith (1993, p. 281) ao considerar que “the ultimate goal of any library or archive preservation program is to make information accessible and at the same time to ensure its long term survival” (grifo nosso). Ao que parece, muito de nós, principalmente de meados dos anos 90 para cá, voltamos nossos olhares para as novas tecnologias de migração de informação, mas e o suporte original da informação, como proceder com ele? Que medidas devem ser tomadas para garantirmos - o máximo possível - a sua sobrevivência?

Frente a essa realidade, como se posiciona o bibliotecário? Estariam os egressos das Academias, aptos a lidar com tudo isso?² Num momento em que os cursos de biblioteconomia, em suas reformulações curriculares, decidem que a cadeira de “conservação-restauração” deve ser optativa (quando muito) e em que há um aumento de cursos com ênfase na gestão, mas que não consideram a conservação como inerente a essa atividade, como ponderar sobre “preservação do patrimônio” ou, ainda, “preservação da memória³”. Certamente que se pode perguntar sobre a necessidade desse conhecimento. Cabral, considera que

[...] a compreensão das suas capacidades [conservação/restauração], das suas formas de intervenção, da sua agilidade e delicadeza, mesmo do seu inegável sentido estético e dos seus conhecimentos, fará de mim um bibliotecária mais atenta aos problemas do papel em particular e dos documentos gráficos em geral [...]. (2005, p. 10).

De maneira silenciosa, os documentos armazenados nas estantes agonizam e morrem silenciosamente. Envolvido em seus afazeres nos laboratórios, não é o conservador-restaurador que está a circular constantemente entre os penetrais da biblioteca, e sim, o bibliotecário. Sem o conhecimento básico acerca das ações de

¹ CABRAL, Maria Luisa. *Amanhã é sempre longe: crônicas de P & C*. [...]. p. 9.

² Para maiores esclarecimentos a esse respeito, sugerimos a leitura CARVALHO, Maria Conceição; et al. A preservação de acervos de bibliotecas e sua importância na atualidade: a ótica dos bibliotecários da UFMG. *Rev. Informação & Sociedade: estudos*. Paraíba, v. 15, n. 1, p. 1-14, 2005. Disponível em: <http://www.informacaoesociedade.ufpb.br/html/IS1510507>. Acesso em: 17 mar. 2006.

³ Isso porque entendemos que o suporte de registro do conhecimento também constitui um meio de representação da memória e cultura de uma época ou de um povo.

prevenção, esse profissional não saberá como agir, como demandar uma colaboração do profissional da conservação e, tão pouco, como argumentar ou propor um tipo de ação. Consideramos que um bibliotecário não necessita ser um técnico de conservação-restauração, muito menos que aplique as técnicas, antes, ele deve ter o conhecimento e o envolvimento com esta ciência, que o capacitará a entender melhor as necessidades do acervo sob sua custódia⁴ e a contribuir para um melhor desenvolvimento das atividades de conservação e restauração do acervo.

No que se refere aos bibliotecários curadores de coleções especiais, entendemos que o conhecimento em conservação-restauração é ainda mais premente, devido ao aspecto patrimonial do acervo. Esse profissional necessita atuar em harmonia com outros, uma vez que são vários os casos que se apresentam diante dele. Um trabalho multidisciplinar pode ser extremamente frutífero; todavia, para que realmente o seja, há que haver total conhecimento sobre o tema preservação de acervos.

Nesse âmbito, pensar numa “Política de Preservação” e em “Conservação Preventiva” é mister para que as ações empreendidas sejam de fato efetivas e bem direcionadas. O *modus faciendi* do bibliotecário atualmente deveria incluir não apenas processos técnicos - catalogação, classificação etc. -, mas também ter na preservação/conservação um pensar constante.

Na salvaguarda das coleções de nossas bibliotecas há uma série de medidas que podem ser implementadas, e numa época em que se discute segurança de acervos, notar-se-á, ao longo desse artigo, que planejar uma política de preservação produz subsídios também para tomadas de decisões quanto à segurança. Abordaremos, igualmente, a experiência de parceria do Museu de Astronomia e Ciências Afins (MAST) que a equipe da Biblioteca e a equipe do Laboratório de Conservação-Restauração de Papel (LAPEL) vem desenvolvendo com o objetivo estudar e estabelecer uma política de preservação e acesso para o acervo bibliográfico de caráter especial da Instituição. Pretende-se, igualmente, expor a situação na qual se encontra nosso acervo de Coleção Especial e as diretrizes que foram e estão sendo implementadas com o objetivo de preservá-lo.

⁴ Estamos considerando aqui uma instituição como a nossa, que possui um laboratório de conservação-preservação. Contudo, temos consciência de que isso não é a realidade de várias bibliotecas. Para esses casos, isto é, quando o bibliotecário não conta com o apoio regular de laboratório, reforça-se ainda mais a necessidade da auto-instrução. Como instrumento de auxílio, o bibliotecário pode buscar pequenos cursos, que ocorrem com relativa frequência em algumas capitais ou o apoio na literatura. Nesse tocante, de grande valia são as publicações da Coleção “Conservação Preventiva em Bibliotecas e Arquivos”, traduzidas e publicadas pelo Arquivo Nacional, e disponíveis por via impressa e digital.

2. ESTABELECIMENTO DE UM PLANEJAMENTO.

O MAST é um instituto de pesquisa do Ministério da Ciência e Tecnologia (MCT). Possui uma biblioteca especializada em História da Ciência (HC) e Divulgação Científica, o acervo é composto por cerca de 8000 volumes (livros, teses, folhetos, obras de referência), 280 títulos de periódicos (nacionais e estrangeiros), 430 vídeos e um arquivo de recortes de jornal com aproximadamente 13000 artigos. Atende diariamente um público especializado, tanto de pesquisadores e estudantes de graduação e pós-graduação, alunos do ensino fundamental e médio, como também, o público em geral.

Neste acervo está contido um conjunto denominado “Coleções Especiais”, composta pela *Coleção Documentos Brasileiros*, *Coleção Brasileira* e *Coleção Lélío Gama*⁵. Para referir-nos a elas como “especiais”, alguns critérios foram adotados. Mas antes, vale dizer que quando essas coleções foram incorporadas ao acervo, entre os anos 80 e 90, a equipe de então nomeou-as como “importantes”. Na ocasião, a pedido da biblioteca, o LAPEL empreendeu um levantamento do estado de conservação do acervo.

Por esse levantamento foi possível conhecer as condições e as características de cada volume/coleção, não só no que se refere ao estado de conservação, mas também pôde-se obter relevantes dados bibliológicos. Na coleção *Lélío Gama*, os maiores danos foram causados por ataques de insetos (brocas inativas) e inúmeros volumes apresentam problemas de encadernação. Na coleção *Brasileira*, o que se verificou foi a fragilidade do suporte, dadas as características intrínsecas da composição do papel, conferindo uma acentuada acidez às folhas (lembrando que em sua maioria são obras impressas nas décadas de 30 e 40). A coleção *Documentos Brasileiros* é a que se encontra em melhores condições, devido à sua constituição e encadernação.

Em função dessas observações, algumas medidas foram tomadas na ocasião, visando a conservação deste acervo, tais como: entrefolhamento com papel neutro das páginas que contêm ilustração; confecção de caixas de proteção em papel cartão alcalino; e utilização de cola metilcelulose para fixação dos “bolsos”. Como solução para o carimbo de propriedade, na época, optou-se por colar um papel de pH neutro na guarda e ali carimbar e fazer a notação do registro e número de chamada.

⁵ Lélío Itapuambyra Gama, nasceu no Rio de Janeiro, em 1892. Diplomou-se em engenharia geográfica (1912-1914) e engenharia civil (1917-1918), pela Escola Politécnica. Como pesquisador começou pelo estudo da variação da latitude do Rio de Janeiro. Em 1930 obtém o título de livre docente de Astronomia, Geodésia e Construção de Cartas Geográficas. Esteve a frente do Instituto de Matemática Pura e Aplicada e foi diretor do Observatório Nacional – onde permaneceu até 1967. “Tomou parte nas grandes transformações ocorridas no Brasil em diversos campos do saber técnico e científico: na revolução do ensino da Matemática, na consolidação da Academia Brasileira de Ciências, na expansão da Astronomia, na institucionalização dos campos da Física, da Matemática e da Geociências no Rio de Janeiro, e na fundação e primeiras décadas do CNPq.” ANDRADE, Ana Maria Ribeiro. Biografia. In: *Lélío Gama: o início do nosso passado numa exposição comemorativa dos 40 anos do IMPA*. Rio de Janeiro: IMPA : MAST, 1992. p. 35.

No decorrer dos anos essas coleções continuaram a ser monitoradas, contudo, em finais de 2004, chegou-se a conclusão de que havia a necessidade de rever esse trabalho. Assim, em 2005 estabeleceu-se um plano para o desenvolvimento de dois projetos, que iriam subsidiar dados para o estabelecimento de uma “Política de Preservação e Acesso da Biblioteca do MAST”. Seguindo este plano foram criados, no âmbito do LAPEL, o projeto “Estudos sobre tratamentos de conservação e restauração de documentos sob a guarda da Coordenação de Documentação em História da Ciência” e, no âmbito da biblioteca, o projeto “Estabelecimento de parâmetros de identificação de obras para a formação e o desenvolvimento da Coleção Especial da Biblioteca do MAST”⁶.

Como apresentamos anteriormente, a atividade assim desenvolvida, isto é, de maneira multidisciplinar vem contribuindo para o rendimento do trabalho de forma complementar e interdependente; cada qual, dentro de sua área do saber, mas com o mesmo objetivo. De uma maneira muito sensata Cabral, na obra *Amanhã é sempre longe* pondera da seguinte maneira a esse respeito:

[...] em cada dia, para cada tarefa que tenho entre mãos, faço sempre as mesmas perguntas: até que ponto esta situação é para ser resolvida por mim, bibliotecária, ou por um conservador-restaurador? Por quê? O que é que eu sei que ele não sabe? O que é que ele sabe que eu não sei? Quando eu olho, o que vejo? Quando ele olha, será que vê o mesmo? Se eu avanço, estou a excluí-lo? Ou, pelo contrário, para que a biblioteca cumpra a sua missão, o que é preciso que ele traga? E eu, qual é minha contribuição? (2005, p. 13).

A opção pela realização de dois projetos que fossem independentes, mas que tivessem suas ações paralelas e procurassem uma linguagem em comum, foi adaptada de uma abordagem que trabalha eixos temáticos para priorização das ações de preservação e delimitada nos eixos: valor e uso da coleção e riscos e situação de conservação,⁷ apresentada sucintamente na publicação do projeto *Conservação Preventiva em Bibliotecas e Arquivos* (CPBA). Dentro do plano de uma política de preservação, cada equipe assume um papel – imbuída do conhecimento que lhe é peculiar –, colhendo dados e informações que se somarão num processo decisório posterior. Para isso, como se verá no próximo capítulo, buscamos uma metodologia baseada na literatura técnico-científica voltada à preservação.

6 Ambos estão inseridos no “Projeto de Preservação da Memória Documental da Ciência e Tecnologia Brasileira”, que conta com o apoio do CNPq para a contratação de bolsistas, por meio de bolsas PIBIC e PCI.

7 No que se refere ao tema buscar OGDEN, Sherelyn; GARLICK, Karen. *Planejamento e prioridades*. 2.ed. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2001. 30p. (Conservação Preventiva em Bibliotecas e Arquivos, 30-32).

3. A POLÍTICA DE PRESERVAÇÃO DENTRO DA GESTÃO DE COLEÇÕES ESPECIAIS.

Política de preservação é um tipo de ação de âmbito superior, que engloba o desenvolvimento e implantação de planos, programas e projetos de preservação de acervos. Possui objetivos, limites e diretrizes para atingir um resultado. Visa definir orientações globalizantes, sistemáticas e contínuas a serem alcançadas, que são consideradas as linhas de trabalho institucional. Está associada a outras políticas institucionais, como política de aquisição e descarte, política de segurança, política de captação de recursos, etc.

Em suas atribuições, o bibliotecário de coleções especiais (ou aquele que tem por função administrar o acervo)⁸ é o responsável por traçar “[um] plano de ação, objetivando o sucesso da biblioteca, [e, para isso,] deve prever mecanismos de controle, planejamento e disseminação [...]” (PINHEIRO, 2002, p. 25).

No bojo dessas ações está a necessidade de ponderar uma “Política de Preservação”, porque “as intervenções de conservação apesar da sua transversalidade, acompanham a gestão de coleções” (CABRAL, 2005; p. 13).

Segundo Nassif:

[...] o bibliotecário têm que ser um gestor no seu ambiente de trabalho. No Brasil, a preservação ainda não é considerada como uma atividade administrativa, estando ainda voltada para reparos de restauração.

[...] a preservação de documentos é uma atividade muito complexa. É necessário encará-la não como um serviço periférico, mas como parte integrante da rotina de uma instituição que tenha, como instrumento de trabalho, a informação. (1992, p. 42, grifo nosso).

É necessário, pois, identificar que métodos, ações e normativas serão mais eficazes na minimização dos processos de degradação do acervo e quais os custos e prazos para tais ações. Dentre os itens que compõem um programa de preservação, destacamos:

- Ações preparatórias: reúnem documentos necessários ao planejamento do programa.
 - Objetivo institucional
 - Políticas institucionais
 - Diretrizes institucionais
- Diagnóstico de Preservação: levantamento das condições do edifício e dos acervos, das necessidades e procedimentos a serem adotados.

8 O Museu Paraense Emílio Goeldi, na publicação on line *Normas gerais de uso e gerenciamento das coleções científicas do Museu Paraense Emílio Goeldi*, atribui aos curadores da coleção de obras raras: “inventariar, tratar tecnicamente e aplicar medidas preventivas de conservação e segurança às obras a serem incorporadas na coleção.” Disponível em : http://www.museu-goeldi.br/institucional/norma_uso_colecoes.pdf.

- O processo decisório: estabelecimento de prioridades de preservação/tomada de decisão [...] (ZUÑIGA, 2002, p. 77).

Nesse aspecto, é muito importante ter por fundamentação dados confiáveis, que estejam científica e graficamente documentados, a fim de que não possam ser refutados e apresentem-se como uma ferramenta adequada de análise.

Temos a consciência de que todas as coleções de uma biblioteca devem ser alvo de um programa de preservação⁹. Todavia, deliberar medidas de conservação para todo o acervo está fora da realidade da maioria das bibliotecas brasileiras. Por este motivo, ao se planejar uma política de preservação, vimos a necessidade de estabelecer prioridades, tomando por base métodos já estabelecidos na literatura técnico-científica da área e procedimentos implementados pelo grupo interno, neste caso, o formado pela parceria Biblioteca-LAPEL.

No que se refere às prioridades, Zuñiga orienta que estas são estabelecidas no momento do “Diagnóstico de Preservação”:

[...] para que se possa desenvolver um sólido programa de preservação, é necessário, em primeiro lugar, conhecer a fundo o arquivo sobre o qual pretende-se trabalhar. [...] tudo é importante para se ter um quadro preciso do risco que o acervo vem sofrendo (2002, p. 73).

Sob este enfoque, podemos identificar a importância de se conhecer qual o valor de acervo – tanto do ponto de vista de seu conteúdo, como de sua representatividade e uso – e qual o impacto das perdas e danos para a coleção/instituição. Por essas razões o colacionamento¹⁰, em conjunto a pesquisa bibliográfica e até, em alguns casos, bibliográfica, justifica-se. Cabe ao bibliotecário, por meio destas práticas que lhe são inerentes, contribuir com a equipe de conservação-restauração na tomada de decisão sobre as ações a serem implementadas junto ao acervo. O resultado dessa análise será subsídio para o planejamento da política, pois tornar-se-ão conhecidas as coleções prioritárias e suas necessidades.

No caso do MAST, em paralelo a este trabalho, a equipe do LAPEL, vem colhendo dados referentes ao estado de conservação e aos riscos que o acervo está sujeito ou poderá vir a sofrer.

9 Cf. IFLA. *Safeguarding our documentary heritage*, p. 2-3.

10 Colacionar é um termo utilizado em bibliologia para a análise minuciosa de uma obra. Realizar esse trabalho requer conhecimento dos elementos constitutivos que compõem um livro, sua história, a história do autor, o conhecimento do contexto ao qual ambos se inserem, entre outros.

4. IMPLEMENTANDO AS AÇÕES DE GERENCIAMENTO DAS COLEÇÕES ESPECIAIS

Estabelecido o plano e os projetos definimos que teríamos como objetivo justificar técnica e metodologicamente a atribuição de “Coleções Especiais” e as ações de conservação e preservação que implantaríamos em seguida.

Nesse momento foi essencial o levantamento bibliográfico, pois através dele adotamos como fundamentação metodológica a coleção “Conservação Preventiva em Bibliotecas e Arquivos” (CPBA)¹¹ e também algumas normativas da *International Federation of Library Association* (IFLA) e textos do programa *Protection et mise en valeur du patrimoine des bibliothèques: recommandations techniques*.

Para a fase inicial do projeto, a publicação do CPBA, *Programas de Planejamento de Preservação: um manual para auto-instrução de bibliotecas* foi essencial para ambas as equipes (Biblioteca e LAPEL). Munidos dessa literatura, especialmente direcionada para bibliotecários, e de discussões entre as equipes, o passo seguinte foi o planejamento das etapas para o alcance de uma “Política de Preservação e Acesso”.

Ao se conceber e se implementar uma política de preservação, não se pode perder de vista o maior objetivo da Biblioteca que é informar e socializar o saber e, portanto, o seu acervo existe para ser utilizado¹². Smith (1993, p. 281) chega a dizer que “preservation *is for use*, and *preservation is for access*.” Ainda neste tocante a IFLA orienta que “a good preservation policy must guarantee access to the information and minimise document deterioration”¹³.

4.1. Definindo coleções especiais no âmbito do MAST

Primeiramente tínhamos o objetivo de definir e justificar o por quê do “especiais”. Optou-se por, antes de buscar assertivas acerca do que é especial em uma coleção¹⁴, pesquisar como outras bibliotecas tratavam esse tipo de acervo, isto é, uma coleção

11 Dentre os números da coleção, destacamos essencialmente: AZEN, Dan; ATKINSON, Ross W. et. al. *Planejamento de preservação e gerenciamento de programas*. 2.ed. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2001. 58p. vol. 33-36; MERRILL-OLDHAM, Jan; REED-SCOTT, Jutta. *Programa de Planejamento de Preservação: um manual para auto-instrução de bibliotecas*. 2.ed. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2001. 139 p. Vol. 37; OGDEN, Sherelyn; GARLICK, Karen. *Planejamento e prioridades*. 2.ed. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2001. 30p. (Conservação Preventiva em Bibliotecas e Arquivos, 30-32).

12 É interessante reforçar essa necessidade lembrando – de maneira relativizada – a 1ª Lei de Ranganathan “Os livros são para serem usados”. E em um outro nível de discussão, deve-se considerar a nossa responsabilidade, como pertencentes a área de documentação de primar pelo acesso à informação, seja por qual suporte for possível.

13 IFLA. *Safeguarding our documentary heritage*.

14 Partimos do princípio que esta classificação como “Especiais” visa identificar a coleção segundo suas características extrínsecas e intrínsecas, e analisar as suas relações de conteúdo e representatividade no campo da pesquisa em História da Ciência e da Técnica, além de definir o papel das coleções bibliográficas oriundas da aquisição de acervos particulares.

particular e as coleções que compõem a *Bibliotheca Pedagogica Brasileira*¹⁵. Esse levantamento (ainda em processo), feito por meio de visitas técnicas e entrevistas ou por consulta em bases de dados¹⁶, tem nos revelado que, em sua maioria, esse tipo de acervo figura em uma área especial e, em alguns casos, encontra-se localizado fisicamente na seção de obras raras.

Ainda no intuito de conferir critérios metodológicos à denominação de “especiais”, visando estabelecer características para as coleções isoladas como nosso objeto de estudo, optamos por seguir um método desenvolvido pela professora e também chefe da Divisão de Obras Raras da Fundação Biblioteca Nacional, Ana Virgínia Pinheiro da Paz¹⁷. Ela desenvolveu uma tabela com critérios e dados a serem observados e identificados ao se pretender conhecer características que configurarão a obra como especial e/ou rara.

Esse trabalho, não se configura apenas numa simples coleta de dados, através de um colacionamento minucioso está sendo possível conhecer a coleção, tendo em vista que as informações levantadas vão além da identificação básica de catálogo.

Quando se está a tratar com acervos especiais, o processo de conhecer é prática primordial, pois ela contribui, dentre outras maneiras, para individualizar a coleção e salvaguardá-la. Por exemplo, um exemplar da primeira edição da Brasileira, de autoria de Café Filho, com dedicatória dele a Edgar Siqueira Campos, torna-o um exemplar único. E, em termos institucionais e de pesquisa, descobrir na Coleção Lélío Gama um exemplar de Física ou Matemática com anotações e comentários deste titular, assume uma considerável relevância para o investigador.

Essa ação permite ao curador assenhorar-se da coleção, fazem com que cada item assumam uma característica particular, representado através de uma fotobiografia. Por último, vale ressaltar que através deste trabalho estamos “resgatando” essa coleção, uma vez que descobrimos informações que jaziam escondidas e distante do olhar especializado¹⁸.

o inventário é o levantamento, sob vários critérios, do acervo possuído. A descrição é catalogação e a classificação, resultante da análise e síntese do acervo inventariado. [...] inventariar é assenhorar-se da posse. [...] os

15 É assim identificado o conjunto composto das coleções Brasileira e Documentos Brasileiros. Antonio Candido refere-se a ela como “[o] mais notável empreendimento editorial que o país conheceu até hoje”. [ENTREVISTA DE ANTONIO CANDIDO a Heloisa Pontes]. In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 16, n. 47, São Paulo out. 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010269092001000300001&script=sci_arttext&tlng=pt>. Acesso em: 24 jan. 2005

16 Como o projeto ainda está em andamento, esta etapa não foi concluída. Assim, julgamos prematuro expor dados estatísticos a esse respeito.

17 O modelo desenvolvido por Pinheiro, embora direcionado quase que exclusivamente para aferição de raridade tem sido de grande valia para o trabalho que estamos desenvolvendo.

18 Cf. PINHEIRO, Ana Virgínia. *O que é o livro raro?: uma metodologia para o estabelecimento de critérios de raridade bibliográfica*. Rio de Janeiro: Presença, 1989. 71p.

inventários e os catálogos de coleções especiais têm importância fundamental para pesquisadores [...] (PINHEIRO, 2002, p. 27).

Com o intuito otimizar esse trabalho e gerar dados que pudessem ser compartilhados entre os membros do projeto, em conjunto com a ATI (Área de Tecnologia da Informação) foi desenvolvida uma base de dados para gerenciamento das coleções especiais. A planilha utilizada foi criada com base no modelo apontado por Pinheiro. Nessa base de dados podemos fazer buscas do tipo “primeiras edições autografadas” ou “edições numeradas” ou, ainda “edições anotadas” etc. Esta Base é a ferramenta de trabalho elaborada para o tratamento das informações colhidas através do colacionamento, por este motivo definimos que seu uso seria exclusivamente interno.

Diante das características do MAST, como um Instituto de pesquisa, e da biblioteca, como referência em História da Ciência (HC), há a necessidade de, no contexto do desenvolvimento de coleções, justificar a escolha dessas coleções como modelo de análise e, muito mais, de justificar sua pertinência ao acervo. Para isso, em conjunto com os dados colhidos em cada exemplar e como resultado da pesquisa bibliográfica, está sendo essencial a ponderação dos seguintes valores:

1. **Valor institucional:** importância para cumprimento da missão institucional.
2. **Valor histórico:** valor para pesquisa histórica e contexto de criação.
3. **Valor intrínseco:** valor monetário ou simbólico.
4. **Valor associativo:** complementaridade de temas, reunião de conjuntos.¹⁹

Por essa etapa já foi possível aferirmos que, no caso da *Coleção Bibliotheca Pedagógica Brasileira*, no que diz respeito ao valor monetário, há exemplares que, no mercado livreiro, só são possíveis adquirir em leilão e outros que atingem cifras elevadas de venda. No âmbito histórico-cultural, considera-se que essas coleções surgem no contexto pós-Revolução de 30. Observa-se pelos títulos o interesse em “divulgar” o Brasil aos brasileiros, num acentuado toque nacionalista²⁰.

19 “Outros fatores, além do valor intrínseco, também são usados para desenvolver prioridades de prevenção. Entre eles, o valor informacional, valor histórico, valor administrativo [...], valor associativo (quando têm relação a algum indivíduo, lugar ou grupo eminente), [...], valor monetário (refere-se ao valor de mercado).” ZUÑIGA, Solange. A importância de um programa de preservação em arquivos públicos privados. *Rev. Registro*, Indaiatuba, ano 1, n. 1, p. 2002, p. 80, jul. 2002.

20 “Até meados da década, os espaços destinados a abrigar e ampliar essa discussão [acerca de aspectos históricos, geográficos e socioculturais do país] eram muito limitados, uma vez que as universidades ainda estavam por surgir – a de São Paulo, em 1934, e a do Rio de Janeiro, no ano seguinte. Foi o livro que começou a mudar esse quadro. Duas coleções surgidas na época, que buscavam levar o debate ao grande público, se destacaram pela abrangência da contribuição que deixaram ao conhecimento do Brasil. [...] Dedicada aos estudos brasileiros, a *Brasiliana* reunia obras de informação e consulta que estavam fora de catálogo ou esgotadas havia muitos anos, além das que ainda não tinham sido publicadas em língua portuguesa.” PAIXÃO, Fernando (coord.). *Momentos do livro no Brasil*. São Paulo: Ática, 1996. p. 88.

Quanto à *Coleção Lélío Gama*, podemos considerar seu valor para pesquisa em HC e valor institucional, uma vez que pertenceu a um cientista brasileiro de ampla atuação na sua área de saber, inclusive como diretor do Observatório Nacional²¹. Ainda no tocante a esta coleção, identificamos grande significação referente à sua constituição, no sentido de que “a biblioteca revela seu leitor” (CANFORA, 2003, p. 27) e mais ainda, a biblioteca particular constitui quase que o genoma intelectual de seu possuidor (Cf. ZAID, 2004, p. 14). Em nosso caso, o antigo proprietário foi um pesquisador no campo da Física e da Astronomia, poder “ler”²² sua biblioteca, trará a nossos investigadores e a outros construir e compreender o *iter* de seu pensamento científico.

4.2. Ações de preservação

Em paralelo a todo este trabalho da Biblioteca, o LAPEL vem empreendendo a identificação dos materiais constituintes do acervo e análise do estado de conservação dos volumes, seguindo uma metodologia baseada no *Centro Nacional de Conservación de Papel* (coleção Conservaplan), nos procedimentos técnicos estudados e implementados pelo próprio Laboratório, além do CPBA e da IFLA.

Esse trabalho vem sendo realizado por meio do preenchimento de planilha elaborada pelo LAPEL, cujas informações alimentam a Base de Dados de Diagnóstico do acervo. Esta atividade ainda está em fase de desenvolvimento na coleção Brasileira. Após sua conclusão, serão produzidos relatórios sobre o estado de conservação do acervo, bem como, serão feitos a análise e o estudo comparativo da coleção com os dados dos diagnósticos produzidos anteriormente. Estes levantamentos serão confrontados a fim de traçar um gráfico do processo de degradação desse material.

Em outra fase, será feita uma análise dos dados coletados para a identificação desses materiais, condições físicas e estruturais para formular critérios de intervenção nas obras e estabelecer posterior procedimento de intervenção, com o intuito de recuperar a obra, não restaurar. Tal procedimento deve-se ao fato de que tanto a coleção Brasileira quanto a Documentos Brasileiros terem passado por um processo de encadernação (antes de serem adquiridas pelo MAST) que unificou e uniformizou a coleção, caracterizando-a como tal. Assim, para não perder a identidade dos volumes, concluiu-se, neste primeiro momento, pela não intervenção, até que todos os parâmetros

21 O MAST tem como missão preservar e dar acesso ao legado científico nacional este acervo, assim como outros que, tenham relevância no cumprimento de sua função institucional.

22 A esse respeito, ver DARTON, Robert. “História da Leitura”. In: BURKE, Peter (org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992. p. 199-236. e BESSONE, Tânia Maria. *Palácio de Destinos Cruzado : Bibliotecas, homens e livros no Rio de Janeiro, 1870-1920*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1999. 240p.

de conservação sejam avaliados junto ao acervo e, por meio deles, possam ser viabilizadas as propostas de intervenção e de condições de guarda e uso dessas coleções estudadas.

Para, ao final do estudo, caracterizarmos as prioridades de conservação, enquanto a biblioteca atua num eixo de atribuição de valor, o laboratório, insere-se no eixo da aferição de risco. Com isso, os dados resultantes de ambos os levantamentos serão conjugados no final para o estabelecimento de um programa de preservação.

Conforme foi referido anteriormente, há atividades que são realizadas em comum pelos dois projetos, dentre elas estão as visitas técnicas. Inicialmente o objetivo destas visitas era conhecer como coleções, com as características das que foram selecionadas para estudo, são tratadas tanto no sentido biblioteconômico quanto na sua conservação. Contudo, no decorrer do levantamento bibliográfico e sua posterior leitura, ampliamos nossa pesquisa no sentido de tentar identificar quais os conhecimentos que os bibliotecários entrevistados têm sobre conservação preventiva. Para essa investigação desenvolvemos um modelo de entrevista.

Na sua aplicação, procuramos selecionar instituições que, além de possuírem as coleções Brasileira ou Documentos Brasileiros, atendessem aos seguintes critérios:

1. Instituições com acervos patrimoniais;
2. Instituições que possuem simultaneamente biblioteca e arquivo;
3. Instituições que possuem laboratórios de conservação-restauração;
4. Instituições localizadas na cidade do Rio de Janeiro²³.

A análise de algumas informações colhidas já nos revela que, em sua maioria, o curador tem pouco ou nenhum conhecimento de preservação/conservação; que, em alguns casos, ficam passivos às ações dos profissionais desta área, sem condições técnicas para uma atuação mais participativa²⁴. Embora os projetos estejam em andamento, algumas medidas para resguardar as coleções especiais de novos danos já estão sendo ponderadas ou estão em processo de execução²⁵.

23 Como a investigação ainda está em andamento e os resultados só serão totalmente divulgados após a conclusão e o conhecimento das instituições participantes.

24 Essa observação é importante na discussão sobre a necessidade de auto-instrução, que apresentamos no início de nosso trabalho, porque é o bibliotecário que, em muitos casos, deverá fazer os projetos de captação de recursos para a preservação de acervo ou o preparo de editais para serviços de conservação-restauração e encadernação do acervo. Sem esse conhecimento elementar será extremamente difícil realizar esta tarefa, principalmente se não conta com o auxílio de um Conservador-Restaurador na sua instituição.

25 Algumas delas já apresentadas por Mársico e Spinelli. Sugerimos consultar: MÁRSICO, Maria Aparecida de Vries. *Noções Básicas de Conservação de Livros e Documentos*. Disponível em: <http://www2.uerj.br/~rsirius/boletim/art_04.doc>. Acesso em: 01 mar. 2005; SPINELLI JUNIOR, Jayme. *Conservação de Acervos Bibliográficos e Documentais*. Rio Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 1997. 90p. (Documentos técnicos; 1).

Nossas coleções especiais encontram-se acondicionadas em estantes de madeira com portas deslizantes em madeira e vidro. Embora a literatura oriente que o ideal é a utilização de estantes de aço, cinco situações ocorrem que nos permitem certa tranquilidade:

1. O prédio no qual a biblioteca se encontra está protegido por um sistema de iscagem e monitoramento quanto a cupins de solo;
2. A cada seis meses é feita a desinsetização preventiva no espaço interno da biblioteca;
3. O acervo passa por um inventário e, conseqüentemente, uma vistoria anual;
4. Por ocasião do inventário, é feita uma higienização "em massa" da coleção;
5. A coleção tem uso freqüente (apesar de limitado).

Com essas ações a possibilidade de que possíveis infestações não sejam diagnosticadas imediatamente é praticamente inexistente.

Quanto à climatização do espaço, ela é feita apenas para o conforto humano. No entanto, estando as Coleções Especiais acondicionadas, como dissemos, em estantes com porta, o LAPEL orientou que estas fossem mantidas fechadas a fim de criar um micro-clima²⁶ mais estável para as obras. O LAPEL, ainda este ano, iniciará o monitoramento da umidade relativa e da temperatura por meio de um termohigrógrafo.

Para o tratamento especificamente dos exemplares, tomamos como norteadores as publicações *Armazenagem e Manuseio*, do CPBA e *Conservação de Acervos Bibliográficos e Documentais*²⁷, da Fundação Biblioteca Nacional, além da orientação dos profissionais do LAPEL.

OGDEN recomenda que:

em livros de valor significativo, os números de chamada não devem ser marcados a tinta e nem devem ser usadas etiquetas ou fitas auto-adesivas. A tinta é antiestética e desfiguradora; a fita adesiva e as colas podem distorcer a cor da capa e manchá-la (2001, p. 9).

Para a substituição das etiquetas coladas na lombada, utilizadas até o presente momento, avaliamos três opções: a jaqueta de poliéster, a utilização de marcadores feitos com papel cartão neutro (com o número de chamada escrito no topo) e caixas.

26 O objetivo dessa ação, acrescido do acondicionamento em caixas, é criar uma barreira para variações climáticas bruscas. Para isso consultar cf. TSAGOURIA, Marie-Lise. Le conditionnement des documents de bibliothèques. In: MINISTÈRE DE LA CULTURE ET DE LA COMMUNICATION. *Protection et mise en valeur du patrimoine des bibliothèques: recommandations techniques*. Paris: Direction du livre et de la lecture, 1998. p. 32. <http://www.culture.gouv.fr/culture/conservation/fr/preventi/guide_dll.htm>. Acesso em: 24 fev. 2005.

27 SPINELLI JUNIOR, Jayme. *Conservação de Acervos Bibliográficos e Documentais*. Rio Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 1997. 90p. (Documentos técnicos; 1).

Os marcadores têm o benefício de serem mais baratos e de rápida confecção, contudo apresentam três inconvenientes: o primeiro é o efeito estético; o segundo é a dificuldade de leitura do número de chamada (Cf. DESCHAUX, 1998, p.32) – tendo em vista que nossas estantes são muito altas – e o terceiro está no risco de perda ou troca dos mesmos, em razão da frequência de uso.

As caixas possuem a vantagem de reduzir a ação de agentes externos de degradação, como poeira, gases etc²⁸. Todavia, estando todos os volumes em caixas, o acervo perderia sua diferenciação visual. Além disso, processo de confecção desse tipo de acondicionamento é muito demorado, de custo elevado e necessita de substituições freqüentes.

Por todas essas razões chegamos a conclusão que a melhor opção seria a jaqueta de poliéster²⁹, pois será de fácil e rápida confecção, possui maior durabilidade, além de proporcionar um acondicionamento que protegerá as encadernações, mantendo o visual da coleção. Entretanto, a adoção de caixas será mantida para os volumes que se encontram com problemas de capas e folhas soltas, até que o trabalho de reparo possa ser efetuado.

Outra medida, já executada foi a suspensão temporária de permissão para cópia reprográfica e para o empréstimo domiciliar de todos os exemplares que compõem as Coleções Especiais. Esta orientação está sendo aplicada até mesmo para os pesquisadores internos. Estão franqueadas apenas a consulta local e reprodução utilizando máquina digital sem *flash*.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.

Uma Política de Preservação deve ser uma ação constituída por uma equipe pluridisciplinar. A participação do bibliotecário no processo decisório e no planejamento é essencial, assim como a colaboração do conservador/restaurador, pois “a faixa de sobreposição destes dois saberes é estreita; mas a complementaridade é enorme” (CABRAL, 2005, p.25, grifo nosso).

Ao longo deste artigo expusemos como essa interação tem sido produtiva para o MAST. Durante o processo de planejamento e desenvolvimento do projeto a descoberta e

28 TARAGOURIA, Marie-Lise. Op. cit. p. 32.

29 Para a técnica de sua confecção, cf. OGDEN, Sherelyn (Org.). *Armazenagem e manuseio*. 2.ed. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2001. (Conservação Preventiva em Bibliotecas e Arquivos, 1-9). p. 25-27.

leitura da literatura especializada – nesse sentido destacamos principalmente as publicações do CPBA – está sendo primordial para fundamentarmos as bases de nossas ações.

As ações de gestão biblioteconômica não mais comportam apenas atividades puramente técnicas. Numa época em que o tema preservação do patrimônio e segurança de acervo tornam-se lugar-comum é imprescindível ter em mente que uma Política de Preservação produz resultados que subsidiam a implementação de ambos. Sendo missão dos profissionais da documentação preservar a documentação para o futuro e prover o acesso também no presente, esse pensamento se torna *sine qua non*.

Um dos primeiros passos de uma Política de Preservação é o inventário e análise da coleção, assim o gestor passa a ter real posse do acervo, cada item se individualiza, conhece-se seu real valor. Essa etapa contribui para tomada de decisão quanto as prioridades e no que tange a segurança das coleções, oferece condições para articular medidas de sua salvaguarda.

Como o Projeto está em curso, ainda se pretende avaliar outras coleções da biblioteca que podem vir a integrar as “Coleções Especiais”, assim como o estudo para migração da informação – onde iremos ponderar, de acordo com a necessidade de nossos usuários, se o melhor será adquirir edições fac-similares ou edições posteriores, ou iremos digitalizar ou até microfilmar. Em paralelo segue a investigação, junto à literatura especializada, a respeito da interação bibliotecário-conservador/restaurador e do papel do bibliotecário quanto gestor diante da preservação e salvaguarda do acervo.

Referências bibliográficas

CABRAL, Maria Luisa. **Amanhã é sempre longe**: crônicas de P & C. Lisboa: Gabinete de Estudos, 2002.

_____. Conservação preventiva, porquê? **Rev. Páginas Arquivos & Bibliotecas**. Lisboa, n. 15, p. 7-27, 2005.

CANFORA, Luciano. **Livro e liberdade**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.

DESCHAUX, Jocelyne; FOSSARD, Jean-Loup. Estampillage, marquage et protection antivol des documents patrimoniaux. In: MINISTÈRE DE LA CULTURE ET DE LA COMMUNICATION. **Protection et mise en valeur du patrimoine des bibliothèques**: recommandations techniques. Paris: Direction du livre et de la lecture, 1998.

INTERNATIONAL FEDERATION OF LIBRARY ASSOCIATIONS (IFLA). **Safeguarding our documentary heritage**. Disponível em: <<http://www.ifla.org/VI/6/dswmedia/en/texts.htm>>. Acesso em: 24 fev. 2005.

NASSIF, Monica Erichsen. **Subsídios para a formulação de políticas de preservação de acervos de Bibliotecas**: estudo de caso. 1992. 130f. Dissertação (Mestrado em Biblioteconomia) – Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais, 1992.

OGDEN, Sherelyn (Org.). Armazenagem e manuseio. 2º.ed. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2001. (Conservação Preventiva em Bibliotecas e Arquivos, 1-9).

PINHEIRO, Ana Virgínia. **O Livro Raro**: Formação e Gestão de Coleções Bibliográficas Especiais. Rio de Janeiro, 2002. (Apostila distribuída durante curso no Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro).

SMITH, Wendy. Education for preservation : developing preservation management strategies. In: CONGRESS OF SOUTHEAST ASIAN LIBRARIANS, 9., 1993, Bangkok. **Papers...** Bangkok, 1993. p. 280-295. Disponível em: <http://www.consal.org.sg/resource/media/consal_ix/preservation.pdf>. Acesso em: 18 mar. 2006.

ZAID, Gabriel. **Livros Demais!**: sobre ler, escrever e publicar. São Paulo: Summus, 2004.

ZUÑIGA, Solange. A importância de um programa de preservação em arquivos públicos privados. **Rev. Registro**, Indaiatuba, ano 1, n. 1, p. 2002, p. 71-89, jul. 2002.